

Enfermeiro de família para todos



Luís Filipe Barreira

O Serviço Nacional de Saúde está sob pressão. Mais de 1,6 milhões de utentes em Portugal não têm médico de família nem outro profissional de referência no sistema. Ao mesmo tempo, o país envelhece, a doença crónica aumenta e muitas famílias cuidam de pessoas dependentes com apoio insuficiente.

Neste contexto, a intenção de atribuir um enfermeiro de família a todos os portugueses deve ser recebida como uma medida positiva. Não substitui o médico de família, nem resolve a falta de profissionais nos cuidados de saúde primários. Mas melhora o acompanhamento regular das pessoas, reforça a vigilância da doença crónica, apoia cuidadores e dá uma resposta mais próxima às situações de dependência e fragilidade.

O enfermeiro de família, além de

acompanhar a pessoa ao longo do ciclo de vida, pode, simultaneamente, conhecer a família, o domicílio, o cuidador e o contexto social. Esta proximidade permite identificar riscos mais cedo, promover literacia em saúde, apoiar a adesão terapêutica, prevenir complicações e articular respostas com outros profissionais e estruturas da comunidade.

O SNS continua muito orientado para responder à doença aguda. A urgência tornou-se, em muitos casos, a única porta de entrada num circuito fragmentado. Essa resposta é indispensável, mas está esgotada enquanto modelo dominante no sistema. Uma pessoa com doença crónica apenas deve chegar à urgência quando a resposta na comunidade já não é recomendável. Um dependente precisa de uma equipa que conheça a sua situação. Uma família cuidadora precisa de orientação prática, contacto regular e respostas organizadas.

É aqui que o enfermeiro de família pode ter um papel decisivo. Pode acompanhar regularmente pessoas com doença crónica. Pode vigiar o seu estado de saúde, realizar visitas domiciliárias, avaliar sinais de agravamento, apoiar cuidadores, promover autocuidado e garantir uma ligação efetiva entre comunidade, cuidados de saúde

primários e hospital.

Esta evolução exige a ideia de que o enfermeiro de família integra uma equipa de saúde familiar. Cada profissão tem competências próprias. O SNS precisa de equipas completas, responsabilidades definidas, informação partilhada, circuitos simples e avaliação de resultados.

Nas USF modelo B, reforçar a intervenção dos enfermeiros de família no acompanhamento da doença crónica pode, na verdade, melhorar a organização dos cuidados. Permite ajustar listas à complexidade clínica, planear consultas, reduzir episódios evitáveis, detetar problemas antes da agudização e acompanhar melhor quem precisa de vigilância regular.

Cada cidadão deve saber quem é o seu enfermeiro de família. Cada enfermeiro deve ter uma lista de utentes ajustada à dimensão, idade, dependência e complexidade da população que acompanha. Devem existir indicadores próprios de enfermagem, tempo em agenda, sistemas de informação adequados e protocolos clínicos claros.

A revisão das USF modelo B deve servir para ajustar listas, incentivos, horários e projetos de prevenção às necessidades das populações. Esta adaptação é ainda mais

importante nas regiões de baixa densidade, onde a proximidade pode determinar se uma pessoa é acompanhada a tempo ou se chega tarde ao sistema.

A participação das autarquias, farmácias, instituições sociais e outros parceiros locais pode reforçar circuitos de prevenção, vigilância e referência. Essa articulação deve estar integrada nas equipas de saúde, com coordenação clínica, responsabilidades definidas e prestação de contas.

Mas novas responsabilidades exigem novas condições. O enfermeiro de família precisa de autonomia para decidir dentro das suas competências. Precisa de dotações adequadas, reconhecimento efetivo da sua especialidade, carreira valorizada e remuneração compatível com a responsabilidade assumida.

A Ordem dos Enfermeiros está disponível para colaborar na construção deste modelo.

O enfermeiro de família é uma solução viável e necessária. Mas deve ser concretizada com condições adequadas, autonomia profissional e integração plena nas equipas de cuidados de saúde primários. Só assim será uma resposta efetiva para as pessoas.

Bastonário da Ordem dos Enfermeiros